

Revisor de texto literário e roteirista de adaptação literária: o diálogo entre duas profissões

Bethânia Ferreira Pinto¹

Penélope Castro Marques²

RESUMO

Neste artigo, apresentamos um estudo sobre os trabalhos do revisor e roteirista de adaptações literárias, analisando os possíveis diálogos entre as duas profissões, bem como uma reflexão sobre os conhecimentos necessários a cada uma delas. Abordamos conceitos de revisor e roteirista de diferentes artigos e sob as lentes do texto de Perpétua; Guimarães (2010), estabelecemos considerações sobre a semelhança entre roteiro e texto. Por meio de questionamentos em relação à semelhança dos conhecimentos demandados tanto pelo revisor quanto pelo roteirista, entrevistamos professores da área da Comunicação acerca do tema do trabalho. Ao final, refutou-se a hipótese inicial, já que o roteirista e o revisor têm trabalhos semelhantes em alguns estágios, mas guardam especificidades; apesar de atuações complementares, os materiais com que lidam enquadram em gêneros textuais diferentes e exigem tratamentos específicos.

Palavras-chave: Roteiro de Adaptação. Revisão. Texto base. Adaptação.

Literary proofreader and screenwriter of literary adaptation: the dialogue between two professions

ABSTRACT

In this article, we present a study about the works of the reviewer and writer of literary adaptations, analyzing the possible dialogues between the two professions, as well as a reflection of the knowledge needed for each of them. We approach the concepts of reviewer and screenwriter of different articles and under the lens of the text of Perpetual; Guimarães (2010), we established considerations on the similarity between script and text. Through our questioning regarding the similarity of the knowledge required by both the reviewer and the screenwriter, we interviewed Communication teachers about the subject of work. In the end of the study, the initial hypothesis was refuted, since the writer and the proofreader have similar work in some stages, but it retains specificities. Despite their complementary performances, the materials they deal with fall into different textual genres and require specific treatment.

Keywords: Script. Review. Main text. Adaptation.

¹ Graduanda em Letras pela PUC Minas. E-mail: bethaniaferreirap@gmail.com.

² Graduada em Letras pela PUC Minas. E-mail: penelope_cmarques@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Por se tratar de profissões diferentes, revisor e roteirista de adaptação literária, o usual é se pensar que seus profissionais possuem conhecimentos distintos para exercer suas funções; entretanto, em nossas reflexões iniciais, consideramos ser plausível buscar convergências ou interfaces entre tais ofícios. Optamos por pesquisar tais conexões, por se tratar de um território pouco explorado, já que as profissões de revisor e roteirista, especialmente a primeira, são pouco lembradas quando se fala do sucesso de uma obra: geralmente, ambos os profissionais são mais reconhecidos em suas falhas do que em seus êxitos. O objetivo desse estudo, além de procurar as semelhanças e diferenças nessas duas profissões tão importantes, é também mostrar como um bom trabalho de revisão e de roteirização tem influência no sucesso de reconhecidas obras literárias.

Tomando como referência as discussões teóricas sobre as noções dos vários tipos de conhecimento que um revisor deve possuir, apresentadas por Perpétua; Guimarães (2010) e outros, procuramos, neste artigo, explicitar as semelhanças entre as profissões de revisor de textos literários e roteiristas de adaptações literárias. Por fim, trazemos nossas considerações sobre essas duas profissões, tão importantes em termos de criação e desenvolvimento de obras literárias e cinematográficas.

Este artigo se organiza da seguinte forma: a princípio, nas seções 2 e 3, elaboramos um quadro síntese, apresentando conceitos de roteirista e revisor sob o ponto de vista de autores do campo da linguística e do cinema. Na seção 4, é apresentado o conceito de roteiro como gênero textual. Em sequência, na seção 5, abordamos as definições dos conceitos sobre as profissões de revisor e de roteirista, com ênfase no trabalho minucioso que cada uma dessas profissões abrange. Já na seção 6, procuramos desenvolver uma reflexão aproximando ambas as profissões, analisando se estes devem deter os mesmos conhecimentos. Por fim, na seção 7 anexamos duas entrevistas feitas a professores da área da revisão com experiência em roteiros, a fim de procurar percepções de semelhanças e diferenças entre roteiro e revisão e, em seguida, trazemos nossas considerações finais acerca do tema.

2 BREVES CONCEITOS SOBRE A PROFISSÃO DE REVISOR

No presente tópico, apresentaremos conceitos e reflexões sobre a profissão do revisor, sob a ótica de autores do campo da Letras, na área de estudos da linguística.

Gonçalves; Sant’Ana (2010), sob uma ótica crítica e subjetiva, afirmam que:

O revisor é, antes de tudo, um leitor e, como tal, está sujeito à subjetividade, isto é, à projeção de pontos de vista decorrentes de suas filiações, do lugar adotado, conscientemente ou não, para a interpretação. Se toda edição é uma interpretação, e a editoração, uma forma de crítica, como bem nos lembra Netrovski (1996), é porque cada etapa da editoração configura uma leitura. (GONÇALVES; SANT’ANA, 2010, p. 227).

Sob outro ponto de vista, Muniz Jr. (2009) enuncia que o revisor deve intervir no texto, a fim de contribuir para a potencialização de seus efeitos de sentido, tal como podemos notar na citação a seguir:

[...] em última análise, preparar os textos para circular socialmente. O profissional, com seu olhar de alteridade, prevê as leituras possíveis / prováveis e, com base nisso, propõe novas textualizações para que o texto tenha uma recepção o mais próximo possível da esperada ou desejada. Idealmente, a função dos profissionais de intervenção textual é contribuir para que os efeitos de sentido visados pelo autor venham a público tal qual este o desejou. (MUNIZ JR., 2009, p. 7).

Barbisan, Barbosa e Gonçalves (2015) concluem o texto “A Teoria da Argumentação na Língua e o Trabalho do Revisor de Textos” com a seguinte reflexão:

Defende-se, portanto, que cabe ao revisor, como profissional da linguagem, compreender a atividade de revisão enquanto processo colaborativo entre revisor e autor do texto, cabendo ao primeiro ter conhecimento teórico suficiente para garantir a defesa de seu olhar profissional e proficiente para com o texto. Desse modo, sua tarefa poderá ser construída através de permanente diálogo com o autor, por meio da construção de sugestões embasadas e justificadas teoricamente, superando o “achismo” ainda comum em certas situações “profissionais”. (BARBISAN; BARBOSA; GONÇALVES, 2015, p. 256)

Os dois primeiros autores citados, Gonçalves e Sant’Ana, discorrem sobre como a leitura do revisor também influencia no seu trabalho, uma vez que este é também, como todos nós, um leitor e, como tal, projeta sua visão de mundo, oriunda de suas relações e experiências de vida, na interpretação e editoração dos textos. Os autores também recuperam uma concepção do compositor, violonista, crítico literário e musical, escritor e editor brasileiro Arthur Rosemblatt Netrovski que, em seu livro **Ironias da Modernidade**, enuncia que “se toda edição é uma interpretação, e a editoração, uma forma de crítica, é porque cada etapa da editoração configura uma leitura” (NETROVSKI, 1996, p.95), nos lembrando também de que, como nós no ato da leitura criticamos o texto, também o faz o revisor ao exercer seu trabalho no texto.

Já o terceiro autor citado, Muniz Jr., traz à discussão um aspecto muito importante que o revisor deve possuir e usufruir em seu trabalho, o princípio da alteridade, a capacidade de se colocar no lugar de todos os tipos de leitores possíveis a fim de indicar novas formas de enunciar as propostas do autor para que essas possam ser compreendidas por todos.

Por último, Barbisan, Barbosa e Gonçalves (2015) focalizam seus estudos no processo dialógico que o revisor precisa estabelecer com o autor, a todo momento, através de sugestões bem fomentadas e intervenções inteligentes para que haja o aperfeiçoamento do texto.

Em suma, o trabalho do revisor representa muito mais do que lançar para o texto um olhar gramatical, focado apenas nos desvios da norma padrão. É preciso que aquele veja para além do texto, refletindo sobre a recepção deste e sobre a clareza das ideias que ali estão sendo transmitidas. Também é necessário que exista uma relação de parceria com o autor, entendendo o seu estilo de escrita quando se trata de um texto literário, bem como cuidado no momento de dar sugestões ao autor, para que este não se sinta ofendido.

3 BREVES CONCEITOS DA PROFISSÃO DE ROTEIRISTA

Nesse tópico, trazemos conceitos sobre a profissão do roteirista, sob o ponto de vista de oito roteiristas muito ativos, na íntegra. A roteirista Katia Kreutz, formada em jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu e técnica em direção cinematográfica pela Academia Internacional de Cinema, com especialização em roteiro, deu seu parecer no site aicinema.com.br, descrevendo que um roteirista:

[...] conta a história do filme. Ou melhor, é o primeiro a começar a contar uma história que ganha vida durante a produção e só termina, de fato, na sala de edição. *"If it's not on the page, it won't be on the stage."* A frase em inglês, "se não está no papel, não vai para o palco", basicamente quer dizer que a narrativa precisa partir de uma página em branco para chegar a algum lugar. É exatamente esse o trabalho do roteirista: botar as ideias na página. (KREUTZ, 2017)³

De uma forma mais ampla, os roteiristas Ana Clara Santiago, Paulo Duarte, Roberto Silveira, Sérgio Marques e Sylvia Palma divulgam, no site abra.art.br, conceitos de quatro diferentes tipos de roteirista:

³ Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/quero-ser-roteirista/>

O Roteirista de animação: cria a partir de uma ideia, texto ou obra literária, sob a forma de argumento ou roteiro cinematográfico, narrativas com sequência de ação, com ou sem diálogos, a partir do qual se realiza o filme de animação. O Roteirista cinematográfico: cria a partir de uma ideia, texto ou obra literária, sob a forma de argumento ou roteiro cinematográfico, narrativas com sequência de ação, com ou sem diálogos, a partir do qual se realiza o filme. (SANTIAGO; DUARTE; SILVEIRA; MARQUES; PALMA, 2001.)⁴

Já o roteirista Pedro Rigueti expõe, no site roteiristainsone.wordpress.com, sua opinião de que o trabalho de um roteirista pode ser artístico e está em constante mudança e evolução:

Muita gente defende que o roteirista também é um artista, e eu concordo, a partir do momento em que a obra finalizada pretende atingir algum caráter artístico. Mas precisamos lembrar que o roteirista faz parte de uma arte coletiva, o Cinema, e junto com ele estão outros técnicos-artistas que trabalham/criam para uma obra singular. Por isso defendo que o roteiro não é uma obra terminada, assim como a direção de fotografia ou arte de um filme também não é. Fazemos parte de algo maior e é importante entender que nosso trabalho pode, deve e será alterado-potencializado por toda a equipe. (RIGUETTI, Pedro. 2016)⁵.

De fato, o roteiro não é uma obra singular, além do roteirista e de toda a equipe envolvida, o revisor também pode intervir nele, fazendo as devidas correções e adequações para que o resultado final seja o melhor possível.

4 O ROTEIRO COMO GÊNERO TEXTUAL HÍBRIDO

Para iniciarmos nossa discussão, é necessário apresentar o conceito de roteiro, para o que recorremos à definição de Field (1979), roteirista, produtor, professor e conferencista internacional que enuncia, em seu livro **Manual de Roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**, este objeto de trabalho como sendo “uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática”. (FIELD, 1979, p.11, 12).

Sob outro viés Kickhöfel (2015) apresenta roteiro como sendo um gênero textual literário, pelo seu potencial narrativo e dramático, no seguinte excerto:

⁴ Disponível em: <http://abra.art.br/direitos-do-roteirista/>

⁵ Disponível em: <https://roteiristainsone.wordpress.com/2016/10/04/o-que-e-um-roteiro/>

O potencial narrativo do roteiro como gênero da literatura e sua localização na área dos estudos sobre literatura sempre colocou problema que pouco foi equacionado pelos pesquisadores desse campo do conhecimento. Muitas vezes subestimado, o texto escrito para ser traduzido em imagens fílmicas, isto é, o texto que carrega essencialmente o desígnio de transmutação de signos – segundo JAKOBSON (1959), “do simbólico ao icônico” – na passagem ao cinema; e que muitas vezes parte de uma adaptação de signos no mesmo sistema (verbal), ao se tratar dos roteiros adaptados de fontes literárias, é amplamente ignorado no espaço da reflexão acadêmica que lida com o tema dos gêneros clássicos da literatura. (KICKHÖFEL, 2015, p. 60).

Apesar de concordarmos com esse posicionamento, acreditamos que não devemos rotular tal gênero como sendo somente literário, pois provoca uma visão limitada, comparada à abrangência de gêneros contidos no roteiro; este possui, efetivamente, grande potencial literário, capaz de fornecer uma leitura rica e dinâmica ao leitor.

Não cabe a nós delimitar quantos e quais gêneros textuais existem dentro de um roteiro, visto que este pode ser transpassado por diferentes gêneros, incluindo uns e excluindo outros. Cabe a cada roteirista identificar tais gêneros e reconhecê-los dentro de seu trabalho. Não existem regras nem restrições quanto aos tipos de gêneros que podem ou não entrar num roteiro, ou seja, essas definições são traçadas por cada roteirista levando em conta o propósito de seu trabalho. É correto afirmar, no entanto, que o domínio literário está presente em todos os tipos de roteiro, porém ele não é o único, apesar de ser de extrema importância, como enfatiza Camargo (2003):

A concepção atual recorrente sobre a linguagem literária, e certamente estendida aos gêneros, inclina-se ao conceito de intersecção com linguagens de outras esferas artísticas, causando influências recíprocas. Justamente por este caráter moderno de absorção estética, o cinema apropria-se da literatura, porque ela é um sistema ou subsistema integrante do sistema cultural mais amplo, que permite estabelecer relações com outras artes ou mídias (CAMARGO, 2003, p. 9 apud CURADO, 2007, p. 88).

Assim, compreendemos que o roteiro é um gênero dramático historicamente reconhecido como pertencente ao vasto campo das artes literárias, ou seja, obras capazes de serem dotadas de textualidade literária, paralela à leitura através da encenação ou filmagem.

5 REVISÃO E ROTEIRIZAÇÃO

Revisar um texto é mais do que procurar desvios de ortografia, pontuação e gramática em uma obra. A revisão exige a atenção e dedicação a detalhes que possam

passar (e tenham passado) despercebidos ao autor, especialmente no texto literário. Ao efetuar a leitura do texto literário, o revisor está também exercendo seu papel de leitor, pois o profissional está se atendo às minúcias de seu enredo. Perpétua e Guimarães (2010), abordam esse tipo de relação autor, texto, revisor quando afirmam que:

[...] não raramente os revisores convivem (e devem aprender a conviver) com a desconfiança de escritores que consideram que a obra literária não deve e não pode ser alterada em nenhuma hipótese. Alguns artistas pressupõem que o texto literário é tão sagrado que não pode ser tocado pelas mãos “profanas” de um revisor. É importante, também, lembrar que alguns revisores abordam o texto literário ignorando a dimensão estética que o cerca. (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2010, p. 196).

O revisor terá a chance de ler a obra antes de sua publicação e de se colocar no lugar do leitor, imaginando como o trabalho poderá ser recebido por seu público-alvo. Esse trabalho nem sempre será fácil, pois há a discussão acerca dos limites de revisão nos textos, bem como a reação de alguns autores, que consideram seu texto/obra um território que não deve ser violado.

Assim como o revisor trabalha com o autor, o roteirista também deve trabalhar com autores e diretores, e pode entrar em conflito com estes, especialmente se a produção for baseada em fatos reais. E, como o revisor, um roteirista também deve ter um trabalho de memória para que não existam furos no roteiro, como controlar o tempo narrativo, por exemplo. Deve ficar claro para o leitor / espectador quantas horas ou dias se passaram na narrativa, adequando características dos personagens e do local da trama ao tempo decorrido.

Outro exemplo acontece com bastante recorrência em filmes e romances de suspense, os *thrillers*. Pistas plantadas durante o enredo podem ser deixadas para trás e algum fato pode acabar ficando sem explicação no desfecho da história. Se isso não for proposital, tanto em romances quanto em longas-metragens, cabe ao revisor e ao roteirista relerem e analisarem cenas, respectivamente, para que isso não possa ser apontado pelo público como um aspecto negativo da obra, futuramente.

6 ROTEIRISTA E REVISOR DE TEXTOS LITERÁRIOS: OS MESMOS CONHECIMENTOS?

A leitura do texto “A revisão do texto literário: um trabalho de memória”, de Perpétua; Guimarães torna simples a resposta a essa questão. Sim, ambos, roteiristas e

revisores, devem possuir os mesmos conhecimentos e visões inseridas no texto. De acordo com as autoras:

Comportando a memória de outros textos, a obra literária, ao ser lida, atualiza a memória do revisor, num exercício constante que exigirá, além dos conhecimentos linguísticos que todo revisor deve dominar, uma prática que se situa nas fronteiras entre a objetividade de um profissional crítico e a subjetividade de um leitor sensível. (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2010, p. 195).

Assim como o revisor, o roteirista deve possuir certa sensibilidade para evitar que a adaptação da obra base se transforme em um roteiro pessoal e fuja das expectativas de seu público alvo. É indispensável a existência de constante diálogo entre o roteirista e o autor, para que exista uma verdadeira relação de parceria, que conserve a essência da obra base, não importa para qual modalidade ela seja adaptada. Tal finalidade entre revisor e autor é muito bem discutida por Perpétua; Guimarães (2010, p.195), quando afirmam que “um parceiro de escrita do autor (o revisor). Dialoga com esse, observando criticamente os aspectos intrínsecos da produção”.

O revisor e o roteirista também precisam, essencialmente, ter um convívio contínuo com as visões estéticas e culturais da literatura e do cinema na sociedade contemporânea, afinal, a adaptação da obra base deve atingir, ou até mesmo, superar os parâmetros dos telespectadores.

O roteirista deve ser, acima de tudo, leitor atento do texto base, para que possa se aprofundar no universo proposto pelo autor e se permitir sentir todas as emoções que ele lhe proporcionará. Somente assim conseguirá evidenciar tais sensações no roteiro; porém, também é preciso que, em um segundo momento, ele se distancie desse universo apresentado, para que possa interpretá-lo com outros olhares, uma vez que a adaptação atingirá diversas pessoas com diversos modos de ver e sentir o mundo. Esse dever também é exposto por Perpétua; Guimarães:

Como leitor, cabe ao revisor do texto literário um duplo movimento, constante no exercício de leitura, de natureza paradoxal e somente possível em graus sequenciais variados: mergulhar no universo literário, entregando-se ao prazer e à emoção da leitura; e distanciar-se objetivamente desse universo, a fim de examinar com isenção profissional os efeitos que tal leitura produziria nos demais leitores. (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2010, p. 198)

Por último, os roteiristas necessitam se manter atualizados, pois toda arte tem seus valores estéticos alterados com o tempo. Uma obra literária adaptada para o cinema

ou para a televisão terá sua essência atualizada, uma vez que estará em uma plataforma dotada de diferentes prazos, regulamentações, linguagem e etc. Da mesma forma, isso vale para os revisores, como ilustram Perpétua; Guimarães:

Como o texto literário é uma arte e os valores estéticos mudam com o tempo, o que se tem é que o ofício do revisor de um texto literário está continuamente em construção. Na mesma medida em que os artistas, escritores procuram caminhos diversos para a atualização de sua arte, assim também o revisor do texto literário vai desenvolver a capacidade de conviver com o novo, o diferente, o experimental, a vanguarda e a tradição. (...). O ofício do revisor do texto literário exige uma formação constante, de modo que se possa compreender, por exemplo, que a visão contemporânea rejeita a concepção do tempo como linearidade homogênea e vazia. Visto dessa maneira, o revisor do texto literário precisa acompanhar as preferências estéticas de seu tempo, – quer dizer, atualizar-se. Só assim será possível dialogar de modo mais adequado e eficaz com o escritor. (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2010, p. 202)

Ao roteirista, cabe não somente escrever o roteiro, mas também, como visto anteriormente, todas as ciências dominadas pelos revisores, para que seu trabalho seja realizado de forma completa e fazendo jus à qualidade das obras base que serão adaptadas. E como reiteram as autoras, ambos precisam estar sintonizados ética, estética e politicamente com seu tempo, mantendo-se atualizados continuamente.

7 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para melhor aproveitamento e discussão do tema em foco, foram entrevistados dois profissionais da área de Revisão Textual do curso de Letras da PUC Minas, Dr. Mário Viggiano⁶ e Dr. Gilberto da Silva⁷. Os docentes responderam às seis perguntas propostas de forma clara e precisa como mostraremos a seguir.

Entrevistado 1: Mário Viggiano

1) Quais desafios / dificuldades você percebe no ofício do revisor?

Viggiano: Realmente chegar a um resultado satisfatório sem entrar em atrito com o cliente. Os processos também precisam ser verificados para evitar falhas e erros.

2) Para você, há diferença entre revisar um texto literário e um acadêmico? Explique.

⁶ Docente do Departamento de Comunicação Social, atua no curso de Letras e na pós-graduação de Revisão de textos do IEC PUC Minas.

⁷ Docente do Departamento de Letras, com especialização em Mídias, atua também na pós-graduação de Revisão de textos (IEC PUC Minas) e experiente editor.

Viggiano: Certamente. O texto literário permite algumas “licenças” e até mesmo o que poderíamos chamar de “transgressões” em termos gramaticais. Já o texto acadêmico deve seguir o que é preconizado por instituições normativas, por exemplo, pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

3) Como gênero textual, você percebe semelhanças entre o roteiro e outros textos literários? Explique

Viggiano: Sim. O formulário do roteiro é dividido em duas partes: a técnica e o texto. Como o próprio nome indica, na coluna da esquerda se colocam as informações sobre local da filmagem, enquadramento de câmera e outras informações de cunho técnico. Na coluna da direita, o texto que será lido por um locutor/apresentador. É nesse texto que podem se verificar características semelhantes a outros tipos de textos literários. Inclusive pode conter citações de obras literárias, desde que devidamente referenciadas.

4) Você percebe semelhança entre o fazer de um roteirista de adaptação e o de um revisor?

Viggiano: Na minha opinião, são coisas distintas. O roteirista escreve o roteiro, mas nem sempre o revisa. Além disso, muitas vezes o diretor de um filme altera o que está no roteiro.

5) Você já teve contato com algum roteiro de adaptação? Em caso afirmativo, o que um roteiro precisa para ser considerado fiel à obra base?

Viggiano: Já. Inclusive pelo que me lembro, redigi comerciais de TV com adaptação de música e vídeos de curta-metragem. Para ser considerado fiel, ele deve manter os elementos centrais da história original. Nomes de personagens, estrutura da narrativa. A adaptação muitas vezes se dá pelo formato e o suporte. Por exemplo, um comercial de TV baseado em um conto ou história infantil. A base é o conto ou história infantil. Mas a narrativa foi adaptada para o produto comercial de TV.

6) Poderia nos dar exemplo de alguma obra cuja adaptação você considerou bem feita, fiel, e outra cujo resultado não foi tão adequado?

Viggiano: “Os Miseráveis”, mesmo sendo um musical, foi considerado um filme de qualidade em relação à obra original. Já uma versão de “Romeu e Julieta” para o cinema trazia os atores recitando os textos em inglês britânico arcaico e a história situada nos Estados Unidos na contemporaneidade. Achei que ficou estranho. Mas é uma opinião pessoal.

Já o professor Gilberto da Silva mostra um posicionamento relativamente oposto:

Entrevistado 2: Gilberto Xavier da Silva:

1) Quais desafios / dificuldades você percebe no ofício do revisor?

Xavier: Creio que o reconhecimento da profissão traria a devida valorização à classe (se é que se pode considerar assim), visto que não há ainda uma organização eficaz entre os profissionais de revisão.

2) Para você, há diferença entre revisar um texto literário e um acadêmico? Explique.

Xavier: A função preponderante do revisor é tornar o texto mais aprazível de ser lido e compreendido, sendo ele acadêmico e/ou literário. Corrigir erros de ortografia e sintaxe é apenas uma parte do trabalho. O bom senso aliado à noção da adequação linguística ao gênero, obra, contexto e outros são tão importantes quanto o conhecimento gramatical do revisor. Assim, pode-se afirmar que o trabalho de revisão não é pautado estritamente no aspecto da correção gramatical. É claro que em alguns gêneros esse tipo de correção será mais importante, quase que primordial. É o caso, por exemplo, dos textos acadêmicos e jurídicos. Já em outros gêneros, as concessões são necessárias. Na literatura, especialmente na poesia, os “desvios” da norma padrão, muitas vezes, são fundamentais na construção do texto.

3) Como gênero textual, você percebe semelhanças entre o roteiro e outros textos literários? Explique.

Xavier: Se o roteiro é cinematográfico, por exemplo, sim. Trata-se de um gênero de traço estético e como tal deve ser tratado.

4) Você percebe semelhança entre o fazer de um roteirista e o de um revisor?

Xavier: Como assim? Desculpe-me, mas a comparação não procede.

5) Você já teve contato com algum roteiro de adaptação? Em caso afirmativo, o que um roteiro precisa para ser considerado fiel à obra base?

Xavier: Nenhum roteiro, já que se trata de uma adaptação/reescrita, vai ser totalmente fiel a qualquer tipo, gênero anterior de texto o qual teve por base/referência. Em caso de uma adaptação literária para o cinema, por exemplo, são artes (ou se quiser chamar mídias, já que está em voga) diversas, com peculiaridades distintas. Portanto, não há como existir um pacto de fidelidade.

6) Poderia nos dar exemplo de alguma obra cuja adaptação você considerou bem feita, fiel, e outra cujo resultado não foi tão adequado?

Xavier: Só posso exemplificar esse tipo de adaptação em relação ao enredo, se houve ou não uma boa concatenação dos fatos / episódios da obra literária transpostos para o cinema. Nesse caso, no Brasil, “Vidas secas” e “São Bernardo” seriam exemplos de boas adaptações. “A cartomante”, “Dom” seriam dois grandes desastres, não somente em relação às adaptações, mas em relação às duas produções mesmo, que são sofríveis.

As entrevistas com os professores da área da Comunicação complementaram, com base na experiência dos entrevistados, a pesquisa exploratória realizada para este trabalho. Nota-se que, na visão dos professores, as semelhanças delineadas entre o fazer do revisor e do roteirista são menores do que se imaginava inicialmente, sendo restritas apenas às dificuldades encontradas em lidar com autores e diretores. Como afirmado pelo professor Mário Viggiano, o roteirista nem sempre revisará o seu roteiro (linguisticamente, porém deve atentar ao texto base, para que haja coerência técnica), o qual poderá ser modificado posteriormente pelo diretor – ou mesmo ser entregue a um revisor específico para tratar o texto. Isso traz a noção de que a revisão e roteirização podem ser trabalhos complementares, em que o roteiro passará pelas mãos de um revisor posteriormente, e este fará os devidos ajustes, mas cada forma de tratamento do texto tem idiossincrasias.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao começar esse estudo, tínhamos em mente a ideia de que as profissões de revisor e roteirista transitavam em esferas muito semelhantes. Após a pesquisa realizada e a análise das entrevistas feitas com profissionais dos dois ramos e de uma apresentação de exemplos acerca de obras adaptadas, chegamos à conclusão de que os dois trabalhos têm mais pontos divergentes do que convergentes. No entanto, também foi possível identificar interfaces da atuação de ambos, seja no que tange ao respeito às obras base, seja no que se refere à necessidade de fazer com que o novo “produto” esteja em sintonia com a intencionalidade do produtor original.

Apesar de cada um desses profissionais, em seu âmbito, lidar com dificuldades semelhantes – como o relacionamento com autores, a necessidade de serem extremamente detalhistas e observadores – o trabalho de revisor e do roteirista se circunscrevem a esferas distintas, em momentos diferentes da cadeia. O roteirista faz parte do processo criativo mais do que o revisor, pois aquele faz uma espécie de retextualização de uma obra já existente, reescrevendo-a para que seja apresentada em outras mídias, como o cinema, por exemplo. O roteirista deve pensar na questão do movimento, imaginando como algo que está só no papel ficaria em forma de vídeo. O revisor pode entrar como um trabalho complementar ao do roteirista, visto que é de suma importância que um roteiro seja revisado. Partindo disso, podemos considerar

essas duas profissões não como opostas e nem semelhantes, mas sim complementares, e dito isso, concluímos que é necessária uma maior valorização aos trabalhos dessas duas profissões de suma importância à cadeia de preparação do texto.

REFERÊNCIAS

- ANDRIGHETTI, Marcelo. **A adaptação de uma obra**: estrutura de storytelling, formatação, mercado e carreira. Escola de roteiro. Disponível em: <<https://www.escoladeroteiro.com.br/formatacao/adaptacao-de-uma-obra/>>. Acesso em: 06 fev. 2017.
- BARBISAN, Leci; BARBOSA, Vanessa; GONÇALVES, Tamires. **A Teoria da Argumentação na Língua e o trabalho do revisor de textos**. Letras de Hoje: Rio Grande do Sul, 2015.
- FIELD, Syd. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. 14 ed., Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- GONÇALVES, José Luiz; SANT'ANA, Rivânia Maria. Reflexões acerca das práticas de tradução e revisão de textos e de parâmetros para a formação de tradutores e revisores. **Scripta**: Belo Horizonte, v.14, nº 26, 2010.
- KREUTZ, Katia. **Quero ser Roteirista**. São Paulo: Aicinema, 2017. Disponível em: <<https://www.aicinema.com.br/quero-ser-roterista/>>. Acesso: 15 abr. 2018.
- MUNIZ JR, José de Souza. **A intervenção textual como atividade discursiva**: considerações sobre o laço social da linguagem no trabalho de edição, preparação e revisão de textos. Intercom: Curitiba, 2009.
- NESTROVSKI, Arthur. Edição como interpretação. In: NESTROVSKI, Arthur. **Ironias da modernidade**. São Paulo: Ática, 1996. Cap. 5, p. 95-99.
- PERPÉTUA, Elzira; GUIMARÃES, Raquel. A revisão do texto literário: um trabalho de memória. **Scripta**: Belo Horizonte, v. 14, nº 16, 2010.
- RIGUETTI, Pedro. **O que é um Roteiro e qual o Papel do Roteirista?** . O Roteirista Ison: Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://roteiristainsone.wordpress.com/2016/10/04/o-que-e-um-roteriro/>. Acesso: 15 abr. 2018.
- SANTIAGO, Ana Clara; DUARTE, Paulo; SILVEIRA, Roberto; MARQUES, Sérgio; PALMA, Sylvia. **Direitos do Roteirista**. Rio de Janeiro: ABRA, 2001. Disponível em: <<http://abra.art.br/direitos-do-roterista/>>. Acesso: 15 abr. 2018.